

405

ULTRAPASSADO
ESTA
PASSANDO

SEIS CENÁRIOS PARA A GRANDE TRANSIÇÃO DE ERAS

MAURÍCIO ANDRÉS RIBEIRO*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.39063>

RESUMO: O artigo, escrito em 2119, descreve como o mundo evoluiu a partir da pandemia que se iniciou em 2019. Apresenta a grande transição, ocorrida desde então, e as mutações humanas que aconteceram. Descreve as características de seis cenários que foram trilhados a partir daquele ponto de mutação na história. Três deles se voltavam para o mundo exterior: a era ecozoica, a era tecnozoica e a era cosmozoica; outros três cenários se voltavam para o mundo interior: a era subjetiva, a era noológica e a era espiritual. A experiência humana se transformou, a partir de então, e alcançou-se a convivência harmônica dessa diversidade de pessoas por meio do diálogo e do entendimento.

PALAVRAS CHAVE: Cenário - transição - era cosmozoica - era ecozoica - era espiritual - Covid-19 - pandemia

SIX SCENARIOS FOR THE GREAT TRANSITION OF AGES

ABSTRACT: The article, written in 2119, describes how the world evolved from the pandemic that began in 2019. It presents the great transition that has occurred since then and the human mutations that have taken place. It describes the characteristics of six scenarios that were traced from that turning point in history. Three of them turned to the outside world: the ecozoic era, the technozoic era and the cosmozoic era; three other scenarios turned to the inner world: the subjective era, the noological era and the spiritual era. The human experience has changed since then and it was necessary to achieve the harmonious coexistence of this diversity of people through dialogue and understanding.

KEYWORDS: Scenario - transition - cosmozoic age - ecozoic age - spiritual age - Covid 19 - pandemic

* Arquiteto, fotógrafo e escritor, editor do blog ecologizar.blogspot.com.

Introdução

Há cem anos, aconteceu no mundo a Pandemia do Novo Coronavírus – o SARS-COV-2 ou covid-19.

Aquele evento foi um ponto de mutação na história humana. Ali a civilização se reiniciou, deu um grande reset. A pandemia pegou a todos desprevenidos e foi um divisor de águas na história, que, a partir de então, se separa em a.C. (antes do Corona) e d.C. (depois do Corona).

A pandemia foi uma emergência sanitária e um sinal de alerta para outros eventos críticos que viriam em seguida. Naquela ocasião, as pessoas constataram que a vida é frágil e vulnerável, incerta e imprevisível. Houve uma convergência de esforços para lidar com ela. Até então, o tema da segurança vinha sendo tratado como questão de segurança social, militar, policial, econômica. Foi necessário redirecionar investimentos de capital financeiro, capital humano e inteligência destinados à defesa para as atividades de biossegurança, tais como – prevenção de pandemias, seu monitoramento, rastreamento e pesquisa. Os demais perigos, reais ou imaginários, foram ofuscados e perderam protagonismo; ocorreu uma progressiva desmilitarização do conceito de segurança.

A pandemia trouxe efeitos colaterais. Alterou a vida cotidiana, o ritmo da vida, mudou o funcionamento do mundo, evaporou planos, abriu e fechou atividades num efeito sanfona, desacelerou a circulação de pessoas, as viagens e o turismo; foi um freio de arrumação e uma pausa para reflexão. Foram decretadas quarentenas e lockdowns. Praticou-se a hibernação, reduziram-se as atividades vitais. Esperou-se o período crítico passar, para então as pessoas voltarem a circular com menores riscos.

Vários cuidados básicos foram tomados para viver durante a pandemia: usar máscaras, desinfetar as mãos e os braços com álcool em gel, lavar roupas e alimentos mais frequentemente, não entrar calçados em casa, manter distanciamento físico. Ficaram evidentes os efeitos das desigualdades e as carências sociais de água e habitação, que impossibilitaram muita gente de se isolar, de lavar as mãos e praticar a higiene pessoal.

A pandemia teve um papel educativo, por meio da pedagogia do susto. Aprendeu-se a trabalhar e estudar à distância; a conviver dentro de casa, crianças, adultos e idosos. Enriqueceu-se o vocabulário: todos vieram a saber o que é pandemia, coronavírus, covid-19, álcool em gel, achatar a curva, curva ascendente, lock down, fadiga da quarentena e muitas outras palavras e expressões.

Um dos grandes campos de aprendizado foi no autoconhecimento: muita gente aprendeu sobre si mesma por meio da introspecção. Aprendeu também sobre a espécie humana, ao ter tempo livre para se dedicar à solidariedade e ao voluntariado, ler literatura, assistir a séries na TV produzidas em vários países, ouvir música e se instruir. Um vasto campo da produção cultural esteve disponível e acessível.

Vivenciou-se a relação com a morte, o luto, as perdas econômicas e de empregos. Houve impactos sobre a saúde mental, com depressão, insônia e ansiedade, além do trauma coletivo. Compreendeu-se a necessidade de fortalecer o emocional e o mental para reforçar a defesa imunológica física, a coragem e a confiança e enfraquecer o medo. A paciência precisou ser exercida. Ser paciente para esperar a crise passar evitou ter de ser paciente em um hospital. Com a imprudência e a fadiga da quarentena, muita gente se expôs a riscos de contrair a doença. Milhares de pessoas morreram porque parcelas da população não praticaram os cuidados básicos de distanciamento físico. Dessa forma, prolongaram a doença e causaram prejuízos econômicos. O egoísmo e o individualismo, a ganância e a ignorância tiveram altos custos sanitários e resultaram na disseminação do vírus e de suas diversas cepas e variantes.

O papel do Estado se revelou crucial para dar ajuda emergencial aos desempregados e aos que perderam suas fontes de renda. Autoridades das várias esferas e níveis de governo se contradisseram e a má gestão de governos desnorteados contribuiu para a desorientação coletiva e para o aumento do número de mortes.

Houve controvérsias e polêmicas sobre muitos assuntos, como se todos estivessem numa torre de Babel. Disseminaram-se fake news. Houve quem tentasse impor seus pontos de vista pela força ou por meio de informações distorcidas. Não era óbvio para todos que se devia seguir a ciência e as evidências. O que parecia óbvio para uns não era nada óbvio para outros. Os negacionismos se afirmaram por meio de insultos e ofensas, da arrogância e ignorância. Foi um período turbulento na história. Desorientações, desnorteamentos, disputas físicas e conflitos de visões de mundo se explicita-

ram. Multiplicaram-se cizânias, desentendimentos, polarizações, radicalizações, fanatismos, extremismos, movimentos de autodefesa e refúgio em crenças arcaicas, medos de enfrentar o desconhecido.

Compreendeu-se que existia uma grande noodiversidade – diversidade de estados e estágios de consciência – e era necessário buscar a unidade em convergências e denominadores comuns que unissem as pessoas. Exercitar paciência, entendimento, respeito e a tolerância para com a diversidade de visões de mundo e capacidade de diálogo com os diferentes foram atitudes relevantes. Forjou-se alguma união diante da emergência do vírus como inimigo comum. Aconteceram intensamente naquela época manifestações de coragem, confiança e fé na ciência, evolução da consciência, transformações de atitudes e de valores éticos.

Na economia, evidenciou-se a falta de autonomia sanitária e soube-se que muitos países dependiam da China e da Índia, países fornecedores de respiradores, equipamentos médicos, máscaras, remédios e vacinas. As vendas on-line cresceram e houve transformações no mercado imobiliário, com fechamento de escritórios e adensamento do uso das casas. Esvaziaram-se as grandes metrópoles aglomeradas e buscou-se viver em pequenas cidades com maior disponibilidade de espaço e de ventilação natural. Aceleraram-se a despoluição do ar, as transformações urbanas e na relação com os animais.

O vírus produziu mutações em novas variantes e cepas que lhe permitiram adaptar-se e superar obstáculos. Vacinas produzidas para uma cepa não se mostraram eficientes para imunizar contra outras. O vírus driblou a ciência, que precisou também evoluir.

A pandemia acelerou a colaboração científica e tecnológica. Processos que anteriormente demoravam muitos anos para transcorrer resolveram-se em meses. Depositou-se esperança na ciência e nas vacinas. Defendeu-se a renúncia ao egoísmo e a valorização da bondade e da generosidade, a exemplo do que haviam feito os Drs. Salk e Sabin que inventaram a vacina da poliomielite e renunciaram a royalties e direitos de propriedade intelectual, tratando o conhecimento como patrimônio comum e suas ações como um serviço prestado à humanidade.

A Grande Transição

A Grande Transição foi uma época de forte aceleração da história, em que o planeta passou por transformações intensas. A atividade da espécie humana acelerou as mudanças climáticas, alterou a atmosfera, provocou a sexta grande extinção de espécies animais e vegetais, alterou habitats e deslanchou pandemias; extinguiu países-ilhas, devido à elevação do nível dos mares. Explosão dos conhecimentos científicos e de suas aplicações tecnológicas, expansão da capacidade de comunicação e de transmissão de conhecimentos foram algumas das características do mundo nessa época, chamada então de antropoceno. Nessa grande transição a espécie humana passou a exercer um impacto crescente sobre o rumo da evolução no planeta.

A pandemia de 2019 e os eventos críticos e extremos que se sucederam – outras pandemias, catástrofes climáticas, turbulências naturais, eventos cósmicos – testaram a capacidade de resiliência humana e de adaptação a mudanças rápidas no ambiente externo.

A emergência da pandemia teve um potencial transformador. Ela revelou a crise na evolução, a mãe de todas as crises, e sinalizou para o advento de um período turbulento na história.

À medida que se percebeu o caráter profundo da crise evolutiva que ocorria nessa grande transição de eras – que incluiu a crise ambiental e climática – também se compreendeu que soluções tecnológicas, de gestão ou de engenharia, de incentivos ou penalizações econômicas, ainda que necessárias, seriam insuficientes para dar-lhe respostas adequadas. Fazia-se necessária uma mutação humana.

Em certos momentos prevaleceu o impulso para a morte e a destruição; o ódio e os ressentimentos afloraram e houve o risco da espécie humana se autodestruir. A vida se manteve por um triz, por um fio. Quando a vida se tornou insuportável e pouco atrativa, a morte pareceu ser uma boa alternativa para livrar-se dos sofrimentos.

Não se retornou à normalidade anterior. Desde então a humanidade amadureceu psíquica e espiritualmente, com o sofrimento, a dor e as aflições. Aprendeu-se o valor da solidariedade, da compaixão e ajuda mútua, que se manifestaram em várias comunidades, entre países e a partir de ações empresariais.

Ecologizou-se a consciência e a necessidade de cooperar local e globalmente. A

pandemia ajudou a reformar a política, o Estado e a civilização numa perspectiva da Terra-pátria, como propusera o filósofo Edgar Morin.

Aprendeu-se o valor da responsabilidade coletiva e a partir de então a humanidade lançou-se na aventura da evolução consciente e responsável. Procurou-se sustentar as mudanças positivas então desencadeadas.

A amizade foi essencial na cooperação entre as nações, que fortaleceram alianças e parcerias, depois de um período inicial em que algumas buscaram obter vantagens para si em detrimento de outras. A amorosidade nos laços afetivos pessoais ajudou a aliviar sofrimentos e dores relacionados com a doença e a morte. Energias e vibrações positivas animaram os familiares e lhes deram força para facilitar a cura dos pacientes nas UTIs dos hospitais. Praticou-se a comunicação e a liberdade de expressão não violenta e amiga, aprendendo-se com Sri Aurobindo que “É somente o amor que pode evitar o uso indevido da Liberdade.”

Começou-se a praticar a economia dos stakeholders, que beneficiava todas as partes interessadas, não apenas os investidores e acionistas, como fora dominante na economia no período anterior ao coronavírus.

A sociedade se convenceu da necessidade de universalizar o acesso à água, para promover a higienização, o saneamento, a hidroconsciência e dissolver a hidroalienação.

O vírus mostrou que a espécie humana não se descolara da natureza e que a saúde dos animais e a saúde ambiental tinham grande importância para a saúde humana integral. A partir de então se transformou a relação com os animais, pois a origem de pandemias estava na destruição de habitats de animais silvestres, e a consequente liberação no ambiente de novos vírus, que transbordam para espaços habitados por pessoas nos mercados de animais vivos, nos frigoríficos, no confinamento industrial. Aprendeu-se que a espécie humana está em coevolução com as demais espécies vivas.

Foi necessária uma metamorfose pessoal e ética e um descondicionamento de preconceitos sobre o ser humano, valorizando suas potencialidades, sua imaginação, suas aptidões e qualidades. Aprendeu-se que quando cada um der o melhor de si em benefício do todo, o mundo pode melhorar. Aprendeu-se a importância do aprimoramento pessoal voluntário e consciente e que essa era uma condição necessária, porém não suficiente, para alcançar um mundo melhor.

A pandemia impulsionou para ir além, enxergar através da neblina e realizar a transição em direção a uma vida mais integral, menos compartimentada e com uma visão maior de unidade.

A pulsão de vida foi uma força que liberou criatividade e imaginação para superar dificuldades e obstáculos aparentemente intransponíveis. A fé e a confiança fizeram vencer o impulso pela vida, pela autotransformação da espécie e de sua consciência, que levaram à grande transição para novas eras. Estimulou-se a diversidade e a tolerância, o princípio da não violência foi amplamente aplicado, organizaram-se de forma nova o espaço e a sociedade.

Tendo aprendido com o sofrimento e as perdas, o ser humano se aprimorou e passou a cogер conscientemente a evolução. Seres humanos despertos e evoluídos se multiplicaram e isso produziu mudanças em todos os campos da atividade, relações mais amigáveis com a natureza, um senso de unidade que reduziu conflitos, uma maior capacidade de viver em paz consigo mesmo, com os outros e com a natureza. O aprimoramento pessoal de um número crescente de pessoas contagiou muita gente e aprimorou a coletividade.

Fortalecer a psique foi essencial para lidar com as situações críticas. Diante da pandemia, mapearam-se quais seriam as atitudes necessárias para lidar com ela e para prevenir as próximas. Esse cardápio de atitudes e valores tornou-se o grande denominador comum, o ponto de convergência que unificou todos os seres. Aprendeu-se a praticá-los para enfrentar as situações desafiadoras que se apresentaram. A autotransformação humana voluntária e consciente foi essencial para lidar com as situações críticas no ambiente externo.

Foi possível realizar um projeto unificador, com a construção de uma unidade política planetária para além das fronteiras nacionais, ao se aprender que o problema de um país era um problema de todos e que ninguém estava seguro até que estivessem todos seguros.

Seis Cenários

“Todas as possibilidades do mundo estão esperando no homem como a árvore espera em sua semente.”

Sri Aurobindo

Escrevo esse texto em 2119, cem anos depois da pandemia de 2019.

Com o distanciamento histórico de cem anos é possível observar como evoluiu a humanidade e a Terra depois do coronavírus, avaliar em retrospectiva o que aquele evento significou e os desdobramentos que provocou.

Até o século XXI coexistiam no planeta alguns terráqueos astronautas viajando pelo cosmos enquanto outras pessoas viviam em tribos isoladas no interior de florestas tropicais; outros ainda viviam em megalópoles densas. A partir de então essa diversidade de situações se expandiu ainda mais e as pessoas se sintonizavam em mais de um desses cenários, voltados para dentro ou voltados para fora. Um astronauta em certos momentos exercia sua missão usando conhecimentos técnicos e científicos e em outros momentos maravilhava-se espiritualmente com o cosmos que contemplava de sua nave. Um habitante de uma ecovila aplicava conhecimentos técnicos e científicos de agrofloresta e sobre o ciclo da água e tinha seus momentos de meditação, introspecção e autoconhecimento sobre si mesmo e sobre sua espécie no contexto da natureza. Um indígena imerso no ambiente florestal operava seus computadores e celulares e com eles se conectava com outras tribos com quem tinha afinidades. Uma criança num lado do mundo aprendia com outras crianças no lado oposto da terra, com a mediação de máquinas de tradução simultânea.

No contexto da crise e de emergências climáticas, ambientais e sanitárias, várias forças divergentes e o foco nas microidentidades – religiosa, de nacionalismos, étnica e outras - tenderam a separar as pessoas e os grupos e colocá-los uns contra os outros. Foi preciso encontrar modos de coexistência entre essas diversas parcelas da população. Foi preciso superar a microidentidade tribal, que coopera para dentro e com os iguais, mas que compete, disputa ou guerreia para fora, com os diferentes ou estrangeiros. Recorrer às macroidentidades foi um modo de evitar cisões e rupturas e

construir a unidade necessária para enfrentar conjuntamente os mega riscos e perigos diante de todos os terráqueos.

Para construir a paz, foi valioso encontrar denominadores comuns e pontos de união para além das diferenças. A capacidade dos vários segmentos da humanidade de conviverem harmonicamente e se apoiarem uns aos outros foi testada duramente nesse último século.

As ações em cada parte – nações, estados, sociedades, cidades, empresas, indivíduos – se sintonizaram com um objetivo comum maior: a saúde do Planeta, da qual depende a saúde dos sistemas vivos e a própria vida humana.

Novas instituições coletivas foram criadas para substituir as que se mostravam disfuncionais e não atendiam mais às necessidades surgidas depois do coronavírus. A unificação política mundial resultou da evidência de que, se isso não ocorresse, haveria perigo para a liberdade das pequenas nações e também insegurança permanente para as nações poderosas e fortes. Estudaram-se as opções possíveis – um império mundial e uma confederação de nações. Tendo sido avaliados todos os obstáculos para a unidade internacional, optou-se por uma federação livre de nações, porque teria maiores chances de existência duradoura. Uma Federação Planetária sucedeu a fase dos estados-nação e superou a Organização das Nações Unidas, da mesma forma como essa avançara em relação à Liga das Nações. Nessa federação planetária ecologizada, o planeta, Gaia, passou a ser a unidade política básica, à qual se submeteram os interesses nacionais e regionais específicos. A política se pautou por uma visão cosmopolita da unidade humana, para além do patriotismo, dos interesses de clãs e tribos, étnicos ou nacionais.

Aprovou-se uma primeira Constituição Planetária, a qual rezava que “a humanidade é una, apesar da existência de diversas nações, credos, ideologias e culturas” e que “o princípio da unidade na diversidade é a base para uma nova era, na qual a guerra será banida e a paz prevalecerá”. Foi concebido e colocado de pé um sistema que reduzisse o risco de uma tirania planetária burocratizada e tecnocrática. Valorizou-se a maior autonomia de comunidades locais, em complemento a esse superpoder planetário.

Todas as armas de destruição de massa foram destruídas ou convertidas para uso pacífico, por uma Agência para o Desarmamento Mundial, que teve a seu cargo im-

plantar essa tarefa pacifista. Os dividendos da paz, liberados pelo fim das guerras, foram continuamente aplicados no desenvolvimento ambiental e no design ecológico da Terra, o que permitiu recuperar a degradação em larga escala, resultante do período de crescimento material acelerado que se seguiu à revolução industrial.

A expansão da consciência ecológica, os riscos da emergência climática e as pandemias foram gotas d'água que se somaram ao movimento pela unificação política da espécie humana e que catalisaram sua concretização. Como no mito hindu da dança do Deus Shiva, aconteceu um processo de destruição criadora; a era pré-coronavírus de 2019 metamorfoseou-se numa grande mutação.

Desde o século XX pensadores haviam imaginado vários futuros possíveis.

Várias histórias complementares entre si aconteceram simultaneamente desde então, e foram vividas por diferentes segmentos da população.

Os seis cenários das eras ecozoica, tecnozoica, cosmozoica, subjetiva, noológica e espiritual não se excluíram mutuamente. Eles se complementaram e foram experimentados por diferentes indivíduos e grupos das sociedades. Três deles exploraram com maior intensidade o meio ambiente externo. Outros três cenários exploraram com profundidade o meio ambiente interno. A maior transformação nesse período ocorreu na subjetividade, na consciência humana e na espiritualidade.

A Era Ecozoica

“Todos nós temos nosso trabalho particular. Temos uma variedade de ocupações. Mas além do trabalho que desempenhamos e da vida que levamos, temos uma Grande Obra na qual todos estamos envolvidos e ninguém está isento: é a obra de deixar uma era cenozoica terminal e ingressar na nova Era Ecozoica na história do Planeta Terra. Esta é a Grande Obra».

Thomas Berry

Em 2019 e nos anos seguintes uma pandemia de coronavírus atingiu a humanidade e mudou o ritmo do mundo.

Pandemias se alastraram a partir daquela de 2019, com o degelo do permafrost e

de geleiras, que liberaram vírus ali aprisionados durante milhares de anos. Foi necessário aplicar toda a ciência e a tecnologia para produzir vacinas a tempo de salvar parte da humanidade das doenças, naquela que foi chamada a Era das pandemias.

Houve momentos de medo e a sensação de que a vida estava por um triz. De fato, novos riscos à segurança aumentaram, na forma de desequilíbrios climáticos e ambientais, na disseminação de pandemias, na destruição do ozônio e do efeito estufa. Secas, inundações, furacões, tempestades, ciclones, ventanias, degelo de polos, continuaram a ocorrer. O desastre, a catástrofe, os cataclismas tiveram um papel pedagógico, de ensinar a partir da dor e do sofrimento o que era necessário fazer.

A crise ecológica colocou em risco a sobrevivência e o bem-estar da espécie humana. Como estimara James Lovelock, o autor da Teoria de Gaia, grande parte da população foi dizimada, e os restantes foram viver nos arredores do ártico, onde o clima se tornara temperado diante do calor tórrido em outras regiões.

A pandemia mostrou que estava nas mãos da espécie humana, co-gestora da evolução consciente, aprender a relacionar-se com o mundo natural de modo amigável, se quisesse continuar sua jornada evolutiva. Realizou-se o cenário da Era Ecozoica que havia sido imaginado por Thomas Berry e Brian Swimmer. Tratava-se de construir uma grande obra coletiva de transitar da fase terminal da era cenozoica (a era dos mamíferos) para uma era em que o ser humano exercitaria a capacidade de sustentar o mundo natural, para que o mundo natural também o sustentasse, num processo de sustentabilidade recíproca. A humanidade desenvolveu conhecimentos ecológicos e passou a viver sintonizada com os ritmos do planeta, aprendendo com os ensinamentos que a natureza proporciona.

Líderes religiosos e de grandes nações se manifestaram em relação à crise ambiental e climática. Ao tomarem consciência dos problemas e dos riscos que corria a humanidade, propuseram planos para descarbonizar a economia e reduzir os impactos climáticos.

Nos poderosos meios financeiros e econômicos houve um despertar para a urgência de se agir para evitar rupturas perigosas no clima. Constatou-se que a devastação ambiental trazia prejuízos econômicos e perdas de lucros e dividendos e essa motivação impulsionou os novos ecologistas capitalistas a se mexerem. Eles passaram a

1 No livro sobre a História do Universo, lançado em 1992, ano da Conferência do Rio.

investir o capital em atividades que descarbonizassem a economia e levassem ao bem-estar coletivo e não apenas aos seus propósitos egoístas e particularistas. Foi essencial ecologizar a economia e colocar a energia do capital a serviço da humanidade. A espécie humana já domesticara os vegetais com a agricultura, os animais, dominara o átomo e as águas para produzir energia, mas ainda não colocara a seu serviço uma invenção dela própria, o capital. Empresas adotaram a ecoeficiência e meios de produção limpos, reduziram desperdícios de materiais e de energia, inventaram-se novos ‘designs’ de produtos e de processos.

A eco-ação, que focaliza o interesse da vida e de um planeta em condições de briga-la, substituiu a ego-ação que enfatiza o interesse particularista, privado, pessoal. Quando a consciência focada no ego pessoal se ampliou para a consciência ecológica, percebeu-se que a espécie humana é parte do ambiente e o que ocorrer com ele tem consequências para a vida humana. A consciência ecológica ajudou a avançar de um egoísmo ignorante para uma forma mais esclarecida de egoísmo e a noção de auto interesse se expandiu.

Dissolveu-se a fantasia da separatividade do ser humano em relação à natureza. Exigiu esforço e paciência ecologizar a cultura, transformando a vida cotidiana.

As crises climáticas se tornaram crises de segurança e crises econômicas. Uma visão integradora impulsionou as ações humanas num rumo menos destrutivo. Desenvolveram-se inúmeras iniciativas de adaptação à crise ecológica e climática. Cientistas procuraram compreender o organismo da Terra; pessoas adotaram a simplicidade voluntária, a austeridade feliz e a frugalidade como estilos de vida.

O movimento de crianças e jovens que alertou sobre a emergência climática mostrou protagonismo num mundo em que muitos adultos eram alienados, inconscientes ou irresponsáveis quanto a esse tema, comprometidos que estavam com as vantagens que o mundo a.C. (antes do coronavírus) lhes proporcionava. Governos adotaram políticas econômicas ecologizadas; organizações da sociedade lutaram por outro mundo, pensadores vislumbraram outras possibilidades para as sociedades e as civilizações.

A partir de então reduziu-se o consumismo, o viajismo, substituíram-se fontes de energia baseadas no carbono por fontes de energia renovável. Houve um esforço de redução dos gases de efeito estufa por meio de mudanças de comportamentos, estilos de vida e hábitos de consumo. O vegetarianismo tornou-se hábito alimentar predomi-

nante e substituiu o carnivorismo anteriormente praticado. Isso permitiu estender o princípio da não violência ao mundo animal, influenciou a bioquímica do corpo, reduziu a devastação florestal.

Mulheres, povos indígenas, a ciência, as tradições humanísticas e religiosas tiveram um papel importante para redefinir conceitos de valor, sentido, propósito e realização e para estabelecer normas de conduta para essa Era Ecozoica, que depende da mudança de consciência e de comportamento. A ecologização das consciências correu simultaneamente à recuperação do ambiente da casa, da cidade, do macroambiente do planeta Terra.

A sociedade se desurbanizou, conservou habitats de animais silvestres e evitou os contatos deles com os humanos para evitar a proliferação de vírus. Alcançou um equilíbrio com o mundo natural, trabalhou com a natureza, biomimeticamente, e não contra ela. Reduziu-se a ecoalienação, expandiu-se a ecoconsciência. Ecologizou-se e superou-se visão antropocentrada da história, reconectou-se a evolução da espécie com a da natureza. O mundo passou a ser cogerido conscientemente pelos seres humanos responsáveis e reduziram-se as injustiças sociais e econômicas.

Diante da perspectiva de colapso da civilização, a busca da segurança motivou uma construção coletiva de respostas. O conceito de segurança desmilitarizou-se e ecologizou-se, diante dos perigos emergentes, de modo que os orçamentos para a segurança passaram a prever recursos crescentes para combater esses novos riscos e ameaças. Uma meta unificadora diante das mudanças climáticas foi a de manter a temperatura do planeta com um aquecimento limitado, para que eventos climáticos extremos não colocassem em risco a economia e a segurança da civilização.

Iniciou-se então uma era que dependia de uma relação amadurecida com o meio ambiente, ancorada numa nova percepção e em nova consciência. Nessa era, a espécie humana tomou consciência de pertencer à natureza e de, por meio de sua cultura, ciência e tecnologia, ser capaz de influir sobre o rumo da evolução, seja de forma construtiva, aprimorando geneticamente espécies existentes, seja de forma destrutiva, alterando o clima e os habitats, e causando assim a mortandade e a extinção em massa de espécies vegetais e animais.

Entendeu-se que todo o universo é uma comunidade interativa de seres; que o universo se encontra em evolução; que a atividade humana se tornou determinante

nessa evolução.

A espécie tomou consciência de que é co-gestora da evolução. A era ecozoica foi construída a partir da ecologização de tudo e de todos: da consciência, do pensamento, das palavras e discursos, das atitudes e comportamentos individuais ou coletivos. Nessa era os seres humanos passaram a viver em um relacionamento mutuamente reforçador com a comunidade maior dos sistemas vivos, dentro de Gaia, planeta que é um organismo vivo.

A Era Tecnozoica

Em 2019 uma pandemia de coronavírus atingiu a humanidade e mudou o ritmo do mundo.

Desde então tomou grande impulso a digitalização da sociedade. Cada um em frente a seu computador ou celular se conectava ao mundo e o teletrabalho se tornou uma realidade acelerada pela pandemia. Educação, cultura, aprendizado, exercícios físicos, tudo se fazia mediado pelos computadores e televisores. A tecnologia da informação e os robôs eram instrumentos de uso geral. Investiu-se pesadamente em tecnologias inovadoras. Os seres humanos tornaram-se dependentes delas para as mínimas atividades e de muita energia para fazê-las funcionar. Tecnologias sustentáveis e limpas para gerar energia substituíram a antiga matriz energética baseada no petróleo e carvão.

O ser humano, tendo se apropriado dos recursos da geodiversidade (minerais), dos vegetais e animais (a biodiversidade), processou-os industrialmente e os transformou em objetos, coisas, máquinas (a coisadiversidade) e, ao findar sua vida útil, gerou resíduos, parte deles recicláveis e reaproveitáveis. Robôs, androides, veículos para circular no cosmos, máquinas e próteses de todos os tipos foram inventados e se disseminaram. Houve aqueles que se especializaram e alcançaram desenvolvimentos aprofundados no campo da ciência e da tecnologia. Desenvolveram-se por meio da inteligência artificial e da compreensão do Big Data, algoritmos capazes de decifrar tendências, gostos, aptidões, desejos e de oferecer a cada indivíduo produtos ou serviços que atendessem a essas demandas. Ciência e tecnologia foram centrais no cenário da Era Tecnozoica, vislumbrado por Thomas Berry (1999).

Cientistas e pesquisadores colaboraram intensamente entre si para produzir vacinas e remédios capazes de conter as pandemias seguintes. Aprofundou-se e expandiu-se o conhecimento sobre as origens das pandemias e sobre os modos de evitar que acontecessem, por meio de nova relação com o mundo animal. Estudou-se a fundo a relação existente entre a saúde humana e a saúde ambiental e tomou-se consciência de questões ecológicas e biológicas que ajudaram a colocar a sociedade num rumo menos autodestrutivo ao devastar menos a natureza.

A interligação possibilitada pelas tecnologias da informação reduziu a diferença entre viver no campo ou numa grande cidade. Nas metrópoles, o acúmulo de problemas ambientais e o estresse provocaram custos. Isso levou muitos indivíduos e famílias a optarem por viver no campo.

Ao lado das biotecnologias, as técnicas da informatização foram recursos amplamente utilizados que contribuíram para fixar população nas áreas rurais e nas pequenas comunidades. A desurbanização e a desmetropolização aconteceram a partir do momento em que deixou de existir a abundância de capital e energia barata, que viabilizou a formação das metrópoles, e com o avanço das comunicações à distância. As pequenas comunidades que dispõem de maior autonomia no seu abastecimento de água, alimentos, energia e materiais de construção e são menos vulneráveis ao colapso dos grandes sistemas energéticos receberam um intenso fluxo de migrantes, em busca de melhor qualidade de vida e de mais tempo livre para se dedicarem ao autodesenvolvimento e à exploração do próprio universo subjetivo. Dotadas de edifícios e de infraestrutura automatizados, que autorregulam seu consumo de energia, as cidades tornaram-se locais de lazer em fins de semana, onde os habitantes do campo usufruem da cultura, educação e recreação que elas oferecem.

O monitoramento de toda a Terra e o seu controle climático garantiram sua autorregulação e possibilitaram o prosseguimento da vida. Apelou-se para a geoengenharia e a engenharia cósmica para barrar parte dos raios solares e evitar o aquecimento da terra. A produção de climas artificiais, o controle das chuvas por meio do bombardeamento de nuvens, o controle do ozônio por meio da redução de emissão de gases CFC, e a regulação do efeito estufa, pela redução do gás carbônico na atmosfera, fizeram parte do amplo espectro de ações de controle climático e ambiental.

O florestamento maciço, a restauração ambiental e florestal e a remineralização

de solos empobrecidos pela erosão foram essenciais para reduzir a emissão de gases de efeito estufa e para permitir o prolongamento do último período interglacial, que já dura cerca de dez mil anos. Isso permitiu atravessar as turbulências climáticas que caracterizaram esse período, com um mínimo de danos e sofrimentos.

A Era Cosmozoica

Em 2019 uma pandemia atingiu a humanidade e induziu todos a se isolarem em suas casas para evitar o contágio.

O isolamento físico já era uma experiência vivenciada pelos astronautas. No século XX, a descida do homem na lua foi um evento que mobilizou esforço e inteligência coletiva. Indivíduos isolados viajaram pelo cosmos. Desse ponto de vista e ângulo de visão perceberam o ambiente e tiveram lampejos espirituais e de maravilhamento com a grandeza do universo do qual conhecem apenas uma ínfima parte. A fotografia da Terra ao longe, tirada a partir da lua, contribuiu para fortalecer a imagem da unidade da humanidade. A partir de então, durante a corrida espacial, seres humanos já circulavam em ambientes tecnificados, estações interplanetárias, módulos lunares. Habitando no espaço cósmico fora do ambiente da Terra eles vivenciavam a experiência de estarem sozinhos no espaço, longe das suas famílias e do ambiente natural do planeta Terra. Dependiam de máquinas e de conhecimentos científicos e tecnológicos, sem os quais não teriam condições de sobreviver. Conectavam-se com a Terra e com os centros de controle para obter informações e orientações vitais para sua sobrevivência.

Na visão do biólogo da Universidade Harvard, Edward O. Wilson (1998), caminhávamos rumo à Era Eremozoica, a era da solidão, na qual o ser humano, tendo dizimado grande parte das demais espécies, vivia em um ambiente biologicamente empobrecido. Espécies continuariam a ser extintas, tornando o *Homo sapiens* cada vez mais um ermitão e um biocida.

Os astronautas, poucos indivíduos no espaço cósmico e a possível vida em outros corpos celestes induziram a se pensar no cenário da Era cosmozoica na qual a vida humana e de outros seres espalhou-se no universo. Aplicaram-se os conhecimentos científicos para escapar da biosfera e passar a viver em estações interplanetárias e

naves. A fuga exobiológica vislumbrada pelo botânico e biogeógrafo canadense Pierre Dansereau se realizou por meio das viagens espaciais, com a construção de estações orbitando em torno da Terra, a transmigração e a possível colonização de Marte.

Ameaças externas, de origem cósmica, somadas a perigos para a vida, provenientes de desequilíbrios climáticos e ambientais, serviram para fortalecer a união planetária e impulsionar a consolidação da federação da terra, a partir de movimentos independentes. A dimensão cósmica abriu a sensibilidade para a transcendência.

Naquele contexto lembrou-se que a macroidentidade de cada um é terráquea e que o lugar de fala comum a todos é o de um habitante do terceiro planeta, a Terra, que gira em torno de uma estrela de quinta grandeza, o Sol, na periferia da Via Láctea, uma das bilhões de galáxias deste universo.

Um corpo celeste que se aproximou perigosamente do planeta trouxe a consciência de estarmos no cosmos, com suas influências na Terra, suas escalas espaciais e seus ciclos e revoluções. Os desequilíbrios climáticos e ambientais causados pela interferência magnética então produzida, provocaram mudanças na aptidão agrícola de regiões, na produção de alimentos, no abastecimento de água e energia. Os sistemas de telecomunicação sofreram panes, os satélites deslocaram-se de suas órbitas e prejudicou-se o funcionamento da economia na Terra. Como decorrência desse fato cósmico, tomou-se um susto: a fome alastrou-se em algumas áreas, devido às dificuldades de produção de alimentos em condições climáticas desfavoráveis; os refugiados ambientais multiplicaram-se, obrigando a desenvolver-se um novo sentido de solidariedade.

Essa emergência levou à criação de sistemas de alerta e a um esforço conjunto para a reposição rápida dos sistemas de comunicação, que tinham se tornado imprescindíveis para a sobrevivência. O desenvolvimento da confiança mútua impulsionado por esse episódio acelerou o processo de unificação política, econômica, administrativa e militar. O antigo conceito de segurança via defesa militar mostrou-se uma ilusão que foi abandonada.

A fuga exobiológica ou transmigração, passo avançado na relação histórica do homem com o seu ambiente, evoluiu com os esforços na ciência espacial, visando à construção da nova arca de Noé, que propicia os meios para o transporte de indivíduos de várias espécies para ambientes mais seguros e favoráveis à vida.

Nesse período, naves e seres extraterrestres chegaram à terra e a humanidade

percebeu que não era a única espécie consciente e com vida inteligente no universo. Alguns dos que vieram foram benéficos e benevolentes, outros quiseram dominar os terráqueos. Eles se digladiaram com armas até então desconhecidas. A exopolítica dominou as relações entre os humanos, os demais seres vivos e os alienígenas que chegaram do espaço sideral. A era cosmozoica teve início, integrando o pequeno planeta Terra no contexto mais amplo exopolítico, exocultural e exosocial.

Já vai longe o tempo em que movimentos ecológicos propunham pensar apenas globalmente, no planeta. A consciência cósmica expandiu-se, a astrofísica tornou-se um dos ramos de maior interesse. Pensar cosmicamente tornou-se imperativo, expandindo a escala em que trabalha a consciência humana.

A Era Subjetiva

Oh homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses.

Inscrição no oráculo de Delfos

O objetivo, o esforço e a justificativa inerentes, a causa-semente psicológica, a tendência ao desenvolvimento de uma era subjetiva para a humanidade remontam, todos eles, à necessidade dominante de redescobrir as verdades essenciais da vida, do pensamento e da ação, que foram encobertas pela falsidade dos padrões convencionais, afastadas da verdade das ideias das quais se iniciaram tais convenções.²

Sri Aurobindo

Em 2019 uma pandemia atingiu o mundo, reduziu drasticamente as atividades no ambiente externo e levou ao isolamento físico. A pandemia exigiu que todos se recolhessem em quarentenas e lockdowns para evitar a circulação do vírus e controlar a doença. Foi um tempo propício à introspecção e ao recolhimento para o mundo interior.

No início do século XX o sábio indiano Sri Aurobindo já antevira o advento da era subjetiva em que o universo interior seria melhor conhecido; em que a psique, os pen-

2 Sri Aurobindo - O advento da era subjetiva, capítulo III do volume 15, Sri Aurobindo Ashram, Pondicherry, Índia, 1977, págs. 21-28

samentos, sentimentos e emoções, cada vez mais influenciariam o mundo exterior. Ela levou as pessoas a explorarem seu ambiente interno psíquico, emocional e mental, subjetivo. Alguns aproveitaram para mergulhar em seu universo pessoal por meio de meditação. Outros aproveitaram o tempo liberado para ler literatura, ouvir música, assistir series e programas na TV, tomando assim contato com a produção cultural e conhecendo um pouco melhor o ser humano por meio de suas criações.

A crise econômica, com perda de renda e trabalho, combinada com o isolamento, levou a uma explosão de distúrbios mentais, com insônia, ansiedade, suicídios, preocupações com o futuro, dificuldades de encarar a si próprio bem como um trauma coletivo. Mas a crise foi, também, uma oportunidade para se praticar a introspecção, refletir sobre a vida e despertar a consciência.

Além do estresse físico e dos riscos das perdas e da morte, a pandemia de 2019 trouxe um estresse psicológico. Houve quem tenha recorrido ao álcool e a drogas para alterar seu estado de consciência e atravessar esse período de recolhimento compulsório. Houve quem tenha perdido a paciência e sofrido com a fadiga da quarentena, saído às ruas, se exposto ao vírus e contaminado outras pessoas.

Por terem sido pegos desprevenidos, houve na sociedade uma falta de rumo, des-norteamiento e desorientação diante da pandemia. É como se tivesse com um radar avariado, incapaz de apontar o norte. Para pôr em funcionamento a bússola orientadora, foi necessário definir com clareza os aspectos subjetivos, os pensamentos, emoções, sentimentos. Foi preciso superar o déficit de educação psicológica e aprender pela experimentação a identificar tais emoções. Diante da magnitude da crise, foi urgente ativar todos os níveis da consciência e mobilizar toda a energia psíquica para responder aos mega desafios que se apresentavam.

Grande parte dos terráqueos era então psicoanalfabeta. Não tinha clareza sobre o que eram valores, virtudes, qualidades, paixões, confundia o que eram emoções destrutivas – medo, raiva – e o que eram emoções construtivas.

Assim como os mapas ajudaram os navegantes a traçar seus caminhos nas grandes navegações, uma cartografia psicológica foi necessária para viajar para dentro, para a introspecção, para desemaranhar aspectos enredados e orientar o rumo.

Aprender a reconhecer sentimentos e a causa que os gera foi importante para alinhar as atitudes, as virtudes e as qualidades necessárias para lidar com a pandemia

e com as demais crises que vieram em seguida. Praticada desde a infância, a psicoalfabetização ajudou as crianças e os jovens a se autoconhecerem, a terem maior clareza sobre como se comportar na sociedade, diante de si e dos outros e a desenvolverem as atitudes necessárias para propiciar o bem estar coletivo e a saúde do ambiente.

Palavras-chave passaram a ser aprendidas e praticadas desde a infância: coragem, confiança, gratidão, prudência, amizade, humildade, bondade, diálogo, respeito, tolerância, união, responsabilidade, solidariedade, compaixão, consciência, identidade, autonomia, simplicidade, frugalidade, colaboração, resiliência. Entre as qualidades, aprendeu-se a valorizar a amorosidade, a calma, a criatividade, a empatia, a flexibilidade, a generosidade, a honestidade, a paciência, a resiliência.

A pandemia trouxe uma oportunidade para cada um aprender o bê-á-bá da psique e dissolver a psicoalienação.

Constatou-se que uma das raízes centrais do consumismo, da pressão sobre os recursos naturais e da deterioração global da biosfera encontrava-se nos fatores subjetivos, destacando-se o apego ao que dá prazer. Esse entendimento abriu caminho para mudanças de comportamento, superando o ambientalismo simplesmente racional e intelectual que dominou durante certo período, alimentado pelo aumento de informação científica.

A psicologia avançou muito e, com ela, o autoconhecimento. Desenvolveu-se uma psicologia mais refinada, que enfatizou não apenas a segurança, a sensualidade ou o poder, mas também outros valores.

Cada vez importaram mais as questões ligadas à subjetividade, à psique. A mutação psicológica foi determinante para o rumo que a evolução consciente tomou.

A educação para a paz tornou-se disciplina importante, transmitida pelos meios de comunicação e pelos sistemas formais de educação. “Se queres a paz, prepara-te para a paz” substituiu o antigo lema guerreiro. Verificou-se que, para alcançar a paz exterior - a paz politicamente construída, a paz interpessoal e a paz com a natureza, era necessário alcançar a paz consigo mesmo.

Resolver conflitos de forma violenta passou a constituir um novo tabu. A guerra tornou-se psicologicamente impossível, tendo sido banida definitivamente como meio impensável para resolver conflitos.

Caminhar em direção ao autoconhecimento não somente como indivíduo ou cole-

tivo, mas como espécie, foi crucial para se dar respostas às complexas questões de um planeta em convulsão e em dinâmica transformação.

Recorreu-se aos conhecimentos acumulados pela civilização védica indiana, cuja cosmovisão havia há muito valorizado as questões da subjetividade e se aprofundado nesses aspectos: “Para cada conceito psicológico em inglês há quatro em grego e quarenta em sânscrito” observa A.K. Coomaraswamy³. A pandemia impulsionou aplicação de práticas de Ioga e a meditação foi valorizada, bem como a vida contemplativa, como modos de prevenir distúrbios mentais associados aos riscos de perdas econômicas e afetivas trazidas pela pandemia.

A inscrição de Delfos para o autoconhecimento foi adaptada e atualizada: “Espécie humana, conhece-te a ti mesma e conhecerás o ambiente e o universo em que vives”.

A Era Noológica

”O homem ocupa a crista da onda evolucionária. Com ele ocorre a passagem de uma evolução não consciente para uma evolução consciente.”

Sri Aurobindo

Em 2019 uma pandemia se espalhou pelo planeta, obrigou as pessoas a se isolarem fisicamente e a ficarem em casa. Esse evento marcou a transição para uma era em que consciência humana passou a ser um elemento central a influenciar o rumo e o ritmo da evolução no planeta.

Nos anos 1970, Daniel Bell, da Universidade Harvard, previra uma era do conhecimento, que denominou Psicozoica, em que predominaria o psiquismo humano. Outros pensadores enfatizaram o papel da consciência (noos, logos) mais do que o da vida animal (zoo), e formulou-se o cenário da era noológica na qual a vida seria orientada pela consciência intuitiva.

A evolução da consciência ajudou a espécie a se adaptar criativamente às mudanças daquela transição de eras e foi a grande força capaz de influir no rumo da evolução

3 Citado por RUSSELL, Peter. *Acordando em Tempo – encontrando a paz interior em tempos de mudança acelerada*. São Paulo: WHH, Antakarana, 2006.

no planeta. A história natural da Terra evoluiu numa espiral de crescente complexidade, da matéria, para a vida e para a consciência. Durante bilhões de anos predominou a matéria; durante milhões de anos a vida. Depois emergiu a consciência e suas múltiplas manifestações na ciência, na tecnologia, na cultura, na vida social. Matéria (geodiversidade), vida (biodiversidade) e consciência (noodiversidade) são partes de um todo e integram um mesmo espectro. A evolução da matéria é lenta e se processa nos ritmos da história geológica; a evolução biológica é mais rápida; e a noológica (intuitiva) é veloz como um raio. A partir de então a evolução não se fez mais no ritmo lento dos processos da vida ou da matéria, mas no ritmo rápido dos pensamentos, ideias, sentimentos, emoções, sonhos e de todos os demais componentes da consciência. A consciência foi capaz de aprofundar o autoconhecimento e de refletir sobre si mesma, sobre a vida e a matéria.

A capacidade de compreender o que se passava e de agir responsabilmente foi decisiva para definir para onde caminhava a humanidade e para influir no próprio rumo da evolução da vida.

Desenvolveu-se a noosfera, conceito que surgiu num seminário dado no século XX pelo cientista russo, geólogo Vladimir Vernadsky em Paris. Ele tinha como alunos o filósofo e matemático Édouard Le Roy e o padre, teólogo, filósofo e paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin que divulgou o conceito em seu livro *O fenômeno humano*:

“É verdadeiramente uma camada nova, a “camada pensante”, exatamente tão extensiva, mas muito mais coerente ainda, como veremos, do que todas as camadas precedentes, que, após ter germinado no Terciário declinante, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma Noosfera.” (TEILHARD DE CHARDIN, 1966, pg.189).

A raiz grega da palavra, noos, significa o espírito e a consciência intuitiva. Refere-se à imaginação, ao subjetivo, ao todo, ao pensamento flexível e complexo.

Com a pandemia em 2019 iniciou-se a era noológica da evolução da história na Terra na qual a vida passou a ser governada pela consciência intuitiva, que compreende sermos parte integrante de Gaia, um pequeno planeta que é um organismo vivo e consciente. A noosfera passou a ter influência crescente sobre a biosfera e sobre todas as demais esferas da Terra (a hidrosfera, a atmosfera, a litosfera, a pirosfera etc). Entendeu-se que a saúde desse organismo dependiam a saúde e bem estar de todos.

À medida que se ampliava a consciência, percebeu-se ou enxergou-se mais longe. O pensamento e o comportamento humanos, anteriormente infantil e mágico, evoluiu para um comportamento juvenil. Alguns humanos que haviam se tornado delinquentes precisaram aprender a sair de sua motivação egoística, em que os fins justificavam os meios e em que os interesses coletivos ficavam sempre em último plano diante do interesse individual.

À medida que se evoluía do estágio egocêntrico para o etnocêntrico (o interesse do grupo racial ou social) para o mundicêntrico (o interesse planetário) ou o ecocêntrico, o campo do auto interesse se expandia e tornava-se mais inclusivo. A motivação de lucro deixou de ser predominante para ceder lugar a uma motivação mais altruísta de prestar serviço abnegado à coletividade.

A consciência mostrou-se uma força poderosa. Quando se colocava a serviço de valores destrutivos de medo, ódio, egoísmo e ganancia e de relações desarmônicas de predatismo, parasitismo e canibalismo de uns contra os outros, acelerava colapsos e destruição ecológica, social, econômica, política que acabavam prejudicando a todos e a cada um. Aprendeu-se que, quando era colocada a serviço de práticas construtivas e orientada para desenvolver relações ecológicas harmônicas de simbiose e cooperação baseadas em valores éticos, ajudou a regenerar e restaurar o oásis Terra.

Muitas pessoas enveredaram pelo caminho da evolução da consciência e desenvolveram poderes e percepções refinados, sintonizados nessa faixa do espectro da realidade.

A consciência de cada um e a consciência coletiva aprenderam a discernir entre o que devia, podia e precisava ser feito, para a partir disso orientar as ações humanas. O rumo que tomou o desenvolvimento e a evolução da matéria e da vida no planeta foi influenciado por esse discernimento.

Cada um se moveu por uma nova relação amadurecida com os demais e com o meio ambiente e assumiu responsabilidades de cogestão da evolução. O aprimoramento da ecologia do ser, da ecologia interior, da ecologia pessoal e transpessoal, foi um caminho para desenvolver o autoconhecimento e para dar respostas à crise da evolução.

Soluções e respostas para a pandemia e outras crises que se seguiram derivaram da metamorfose integral na consciência humana, acompanhando os desenvolvimentos relacionados com a ciência e a tecnologia.

Assumir a responsabilidade pelas consequências e impactos de seus pensamentos, palavras e ações tornou-se um sinal de maturidade pessoal e individual, empresarial, coletiva. Aprender a ser responsável diante de si mesmo, da sociedade e do mundo natural tornou-se parte importante da educação básica de todos e de cada um.

Nessa era, explodiu a nooiversidade. Havia no planeta bilhões de indivíduos, sintonizados em distintas faixas da consciência, condicionadas por influências culturais, familiares, religiosas, do ambiente cultural, social e natural. Eles se agrupavam em sociedades, tribos, clãs e grupos cada qual com sua microidentidade própria. Foi necessário exercitar o diálogo e o entendimento para encontrar os denominadores comuns que uniam numa mega identidade terráquea esses diferentes indivíduos e seus grupos sociais.

A Era Espiritual

“O destino da espécie nesta era de crises e revolução dependerá muito mais do espírito que somos do que da maquinaria que usaremos.”

Sri Aurobindo

“Se não tratarmos das questões espirituais mais profundas subjacentes aos inúmeros problemas que enfrentamos, é muito provável que a civilização se esfacele.”

Peter Russell

Em 2019 uma pandemia se alastrou pelo mundo e tirou milhões de vidas em muitos países. Muita gente conviveu de perto com as mortes, o luto e as perdas e se questionou sobre o sentido e o propósito da vida. Essa evolução psíquica levou ao advento de uma Era Espiritual, visualizada por Sri Aurobindo.

O advento da era espiritual se fez em meio às dores do parto de uma civilização que teve que renunciar a ações egoicas e priorizar a prestação de serviço abnegado aos outros e ao ambiente. Naquele momento se constatou que a ganância individualista não levaria a espécie muito longe em sua jornada evolutiva e que seria necessário construir convergências e denominadores comuns entre as pessoas e os povos.

A partir da pandemia do coronavírus a dimensão espiritual da existência passou a ser mais valorizada, por cima e para além dos aspectos de crescimento econômico e de

conforto e bem estar material que privilegiavam o supérfluo, o luxo, bem como hábitos que tinham impactos negativos sobre o meio ambiente ao pressionar pela exploração de seus recursos. Buscou-se o contato com a essência, intangível e imaterial, para além do mundo físico percebido pelos sentidos. Questões espirituais emergiram com força, entre elas a importância das atitudes e valores humanos construtivos, necessários para lidar com a doença e para prevenir outras que viessem a ocorrer. Trilhou-se esse caminho de evolução pessoal e individual, que não dispensou as mudanças sociais e coletivas.

Na crise evolutiva, tornou-se fundamental a inteligência espiritual⁴, que vai além da inteligência medida pelo QI (quociente intelectual), e da inteligência emocional, medida pelo QE (quociente emocional). A resposta à crise demandou elevado grau de autoconhecimento, independência para seguir as próprias ideias, flexibilidade, relutância em causar danos aos outros, capacidade de enfrentar a dor e aprender com o sofrimento, de inspirar-se em ideais elevados, de estabelecer conexões entre realidades distintas, características da inteligência espiritual, que traz a habilidade para lidar com impasses e crises, para aprender e resolver problemas novos.

Priorizou-se a ecologia espiritual, que considerava a experiência na Terra como uma epopeia de evolução consciente de um ser humano dotado de consciência cósmica.

Manifestações espirituais multiplicaram-se em muitos dos campos da cultura. Uma espiritualidade transreligiosa emergiu nas ciências e artes; floresceu uma espiritualidade laica nas filosofias. Nas artes plásticas destacou-se a visão e a prática da arte abstrata que buscava a essência para além das aparências.

A espiritualidade convergiu com a ciência. Quando já tinha 101 anos o inventor James Lovelock, que concebeu a teoria de Gaia, pensou sobre a pandemia e como os terráqueos somos alimentos para os vírus. Para ele, Deus não se encontrava acima de todos, longe e no alto, mas era uma centelha dentro de cada um, de onde vem a intuição. Nesse ponto ele convergiu com o Namastê, o tradicional cumprimento indiano que significa: “O Deus que habita em mim saúda o Deus que habita em ti.”

4 ver Zohar; Marshall, 2000

Considerações conclusivas

A partir da pandemia do coronavírus iniciada em 2019 e com o aprendizado por ela trazido, formularam-se metas coletivas e globais, no entendimento de que a exclusão de alguns significaria um risco e um prejuízo para todos.

Cada um seguiu a sua própria tendência e trilha evolutiva. Alguns seres humanos evoluíram para viver biomimeticamente com a natureza numa era ecozoica; houve os que se encaixaram no ambiente tecnificado da era tecnozoica; outros viajaram para o espaço e viveram na era cosmozoica. A partir daquela pandemia, abriram-se as consciências e parte da população passou a viver na era noológica; alguns se aprofundaram na era subjetiva e outros se elevaram para a era espiritual.

A meta de lidar de modo preventivo com as pandemias levou a um trabalho amplo de restauração de florestas, de ambientes naturais e habitats de animais silvestres. A meta de evitar a disseminação de doenças levou a um investimento maciço em moradia, saneamento e água limpa para todos, facilitando a manutenção da saúde pública. O entendimento de que o capital era uma grande força que precisava ser colocada a serviço da humanidade levou a novas relações econômicas nas quais não apenas os detentores do capital foram beneficiados, mas todas as partes interessadas.

Houve diálogo e entendimento para se alcançar essas metas unificadoras coletivas. Disso emergiu uma nova sociedade e civilização. A pandemia do coronavírus, a covid-19, que eclodiu no distante ano de 2019, foi um ponto de mutação que deu partida a essa etapa da evolução consciente.

Referências

MORIN, Edgar, É hora de mudarmos de via - as lições do coronavírus, Colaborador Sabah Abouessalam, Editora Bertrand Brasil, 2020.

RUSSELL, Peter. Acordando em Tempo – encontrando a paz interior em tempos de mudança acelerada. São Paulo: WHH, Antakarana, 2006.

Sri Aurobindo - O advento da era subjetiva, capítulo III do volume 15, Sri Aurobindo Ashram, Pondicherry, Índia, 1977, págs. 21-28

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. Inteligência espiritual, Edições Viva livros, Rio de Janeiro, 2016.

RIBEIRO, M.A. Noodiversidade. Artigo na Revista da UFMG #22, sobre Diversidades, Belo Horizonte, janeiro de 2016.

RIBEIRO, M.A. Ossos de galinha, testes nucleares, o antropoceno e a era da consciência. Texto publicado no blog ecologizar.blogspot.com em 31 de agosto de 2016

SWIMME Brian & BERRY, Thomas. The Universe Story. New York: HarperOne, 1992.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Le phenomène humain. Paris: (Oeuvres, I), 1955 (redigido em 1938-40, revisto em 1947-48).

VIEIRA, P. Freire e RIBEIRO, Maurício Andrés, (orgs.) Ecologia Humana, Ética e Educação - A mensagem de Pierre Dansereau. Florianópolis: APED, 1999.

WEIL, Pierre. A neurose do Paraíso Perdido. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

WILBER, Ken. Espiritualidade integral. São Paulo: Editora Aleph, 2007.

